

## Capítulo 10

### O *show* do Cardeal Bertone

Em 21 de Setembro de 2007, o Cardeal Bertone produziu um evento televisivo especial num auditório da Pontifícia Universidade Urbaniana em Roma, junto ao Vaticano. Dezenas de personalidades importantes compareceram, incluindo um número de clérigos do Vaticano, o antigo Primeiro Ministro da Itália Giulio Andreotti, o antigo Presidente da Câmara (*Sindaco*) de Roma, o Vice-Ministro da Governação, um sortido de políticos, banqueiros e homens de negócios distintos, e o Bispo de Leiria-Fátima D. Sera. m de Sousa Ferreira e Silva, que acabara de se aposentar. O auditório de 400 lugares estava quase cheio, com estes convidados.

*Realizado por...*

O mestre de cerimónias do que se podia chamar “O *show* do Cardeal Bertone” foi o Padre Federico Lombardi, Director da Agência de Imprensa do Vaticano, que não estava a representar o Vaticano nem trazia qualquer mensagem do Papa. Lombardi começou por agradecer a os vários patrocinadores do evento, nenhum dos quais era um departamento do Vaticano. Os patrocinadores incluíam uma casa bancária, um centro de turismo, e um artista de renome, Giuseppe de Lucia.

Por que razão se tinha juntado num auditório um grupo de gente rica, famosa e poderosa para assistir a um evento de patrocínio privado a convite de Bertone? Chamam a isto nos Estados Unidos um “*show* de cães e póneis” ou, por outras palavras, uma apresentação cuidada de relações públicas que é rica de estilo mas pobre de conteúdo. A finalidade ostensiva do evento, transmitido directamente pelo canal religioso privado *Telepace*, era uma “apresentação” d’A *Última Vidente* pelo Cardeal Bertone. Mas A *Última Vidente*, publicada em Maio de 2007, já tinha sido apresentada ao público várias vezes em outros locais, incluindo uma feira do livro de Verão na Piazza Maggiore De Palma e em Scalea, na Itália, onde se juntou uma multidão para ouvir o co-

autor De Carli falar sobre o livro e responder a perguntas de três jornalistas (Michele Cervo, Michela Gargiulo e Giorgio Santelli).<sup>285</sup>

Via-se que o próprio Lombardi se sentia obrigado a desculpar-se por outra “apresentação” de um livro que já estava apresentado há muito tempo: “O livro já foi publicado há tempos,” admitiu, mas “é bom voltar a falar dele” por causa do 90º aniversário das aparições de Fátima, que “culminarão no próximo Outubro com a viagem do Cardeal Bertone a Fátima...” (onde o Cardeal iria dedicar a nova e horrível “basílica” construída no local das aparições). Mas porque é que a viagem do Cardeal a Fátima em Outubro precisava de uma “apresentação” televisiva do seu livro em Setembro, quando o dito livro já tinha sido apresentado ao público em Maio? Desta maneira romana, Lombardi estava apenas a dar um pretexto delicado que escondia a finalidade verdadeira deste *show* de cães e pôneis: o outro ataque ao livro de Sodici e às suas proposições dos “Fatimistas”, que Bertone até então não só não conseguira refutar mas, pelo contrário, ajudou a substanciar. Bertone não podia admitir que tinha voltado *outra vez* à televisão para salvar a sua posição, porque, se o fizesse, dava ideia de que estava preocupado. Pois, apesar disso, foi exactamente o que ele fez.

### *Socci e Paolini ficaram à port*

Como aconteceu com a entrevista no *Porta a Porta*, Bertone tinha arranjado as coisas de maneira a não haver uma oportunidade para ser confrontado. Não eram permitidas perguntas das pessoas presentes, incluindo os representantes da imprensa. Mesmo assim, Antonio Socci e Solideo Paolini conseguiram estar presentes, na esperança de Socci conseguir perguntar a Bertone o que o Cardeal tinha estado a evitar há mais de sete anos:

Eminência, está pronto a jurar sobre os Evangelhos que a famosa frase da Madonna contida no Terceiro Segredo de Fátima notado pelo Vaticano em 2000 – “Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé etc.”, disse a Madonna – não é seguida por mais nada?<sup>286</sup>

Socci e Paolini, bem como os outros jornalistas, tinham-se colocado do lado de fora do auditório antes do início do evento,

<sup>285</sup> “Praça cheia para De Carli e A Última Vidente de Fátima,” em <http://www.unlibroperlestate.org/notizia.php?id=15>.

<sup>286</sup> Paolo Rodari, “Na estrada para Fátima, Socci é mandado parar pelos Guardas Suíços,” *Il Riformista*, 22 de Setembro de 2007.

esperando encontrar-se com Bertone quando ele entrasse. *Corriere della Sera* publicou mais tarde a descrição que Socci fez do que se seguiu:

Foi uma coisa vergonhosa. Eu só queria fazer uma pergunta por um minuto e receber uma resposta breve, sim ou não. Mas o Cardeal Bertone, avisado da minha presença, entrou directamente no auditório por uma porta de serviço. Um estratagema que fez rir todos os presentes. Em seguida, três gendarmes do Vaticano empurraram-me para fora do local, dizendo que eu não podia dar entrevistas. Uma cena ridícula que espantou os meus colegas que estavam presentes e me pôs numa situação difícil, considerando que sou um incansável defensor do Vaticano.<sup>287</sup>

O Cardeal tinha literalmente fugido da pergunta de Socci! E os guardiões do texto escondido do Terceiro Segredo de Fátima desceram a o u so d e f orça b ruta p ara s ilenciar q uem i a f azer a p ergunta, q ue p or a caso é u m d os j ornalistas c atólicos m ais famosos e respeitados da Itália, vice-director da *Rai Due*, um dos canais de televisão italianos mais importantes, e apresentador do seu próprio programa de televisão. Quando Socci foi expulso à força (juntamente com Paolini), o uviram-no dizer: “A Igreja do diálogo tornou-se numa Igreja do monólogo.”<sup>288</sup>

### *O Bispo de Fátima joga pelo seguro*

A partir do momento em que foi anunciado o pretexto para a reunião – a “apresentação” de um livro já apresentado – a verdadeira agenda começou imediatamente, com alguns comentários do Bispo emérito de Leiria-Fátima, D. Serafim de Sousa Ferreira e Silva. Mas ele não deu grande apoio a Bertone. Pelo contrário, lendo um texto preparado, o Bispo começou os seus comentários sublinhando abertamente que tinha vindo dizer “*Nada, quase nada*” e que “Quero testemunhar *apenas um facto*, que é o seguinte”, dizendo em seguida que estivera presente com Bertone no encontro de 27 de Abril de 2000, em que a Irmã Lúcia autenticou “o envelope original que continha o segredo” (esquecendo-se de mencionar os *dois* envelopes lacrados que Bertone tinha mostrado na televisão) e “as quatro pequenas páginas manuscritas.” Quer isto dizer que o Bispo afirmou o que

<sup>287</sup> “O ‘Quarto Segredo’ de Fátima: Socci defronta-se com o Cardeal Bertone e é obrigado a sair pelos gendarmes,” Bruno Bartolini, *Corriere della Sera*, 22 de Setembro de 2007.

<sup>288</sup> Ibid.

não está em causa: que o texto da visão é autêntico.

Repare-se que o Bispo *não* corroborou a declaração de Bertone durante o programa de rádio de Junho de 2007 (veja-se o Capítulo 9), segundo a qual a Irmã Lúcia teria feito “declarações explícitas... na presença do Bispo de Fátima” de que a visão do Bispo vestido de branco era tudo o que havia no Terceiro Segredo. D. Serafim nada disse sobre este ponto, embora Bertone tivesse afirmado toda a sua posição no alegado testemunho do Bispo sobre estas “declarações explícitas” nunca citadas e que Bertone só mencionou depois da morte de Lúcia. O silêncio de D. Serafim sobre este tema crucial não podia ter sido um simples esquecimento da ocasião, visto que o Bispo estava a falar a partir de um texto preparado.

D. Serafim também não apresenta nenhuma corroboração do que Bertone afirmou na *Mensagem, n’A Última Vidente* e quando apareceu no *Porta a Porta*, ou seja, que no mesmo encontro de 27 de Abril de 2000 Lúcia “confessou” com “uma candura deferente” que nunca tinha recebido uma “ordem expressa de Nossa Senhora” para que o(s) envelope(s) contendo o Segredo “só pudesse(m) ser aberto(s) em 1960,” mas sim que 1960 era “uma data fictícia”.

A falta de vontade evidente do Bispo em corroborar a versão de Bertone destes pontos tão importantes não podia ser mais conspícua para quem estiver a par dos factos. Em vez de dar o devido apoio a Bertone, como se esperaria que D. Serafim fizesse as palavras de Bertone corresponderem de todo à verdade e o Cardeal tivesse sido acusado injustamente de prevaricação, D. Serafim jogou pelo seguro, clarificando que só testemunharia *um* facto. Mas ele certamente sabe *muitos* factos sobre o encontro de Abril de 2000, incluindo se Lúcia disse realmente que a visão é a totalidade do Segredo e que a Santíssima Virgem nunca lhe tinha falado sobre a revelação do Segredo em 1960. Já aqui o “*Show* do Cardeal Bertone” estava a seguir o padrão das outras intervenções do prelado: um silêncio revelador perante assuntos referentes à credibilidade de toda a sua versão.

D. Serafim disse, porém, que “o Segredo de Fátima foi agora revelado *de forma autêntica* e integral.” Mais uma vez encontramos a curiosa expressão adoptada por Bertone em resposta à apresentação exhaustiva que Socci fez da evidência de um encobrimento: que o Segredo “autêntico” foi revelado; o Segredo “autêntico” no arquivo do Santo Ofício, por o posição a um Segredo “não autêntico” guardado noutra local, talvez nos aposentos papais.

*Pergunta:* Porque é que D. Serafim não declara simplesmente

- e já agora, porque é que *ninguém* no campo de Bertone declarou simplesmente - que o Terceiro Segredo foi revelado na sua totalidade? Para que usar uma linguagem tão e quívoca como "revelado de forma autêntica e integral"?

*Resposta:* D. Serafim não ia dizer que "o Terceiro Segredo foi revelado na sua totalidade" porque não se sente bem com uma afirmação tão inequívoca. E não se sente bem com ela porque sabe que há algo mais que não foi revelado, qualquer coisa que deve ter sido considerada "não autêntica" por certas entidades que actuam em segredo.

Pode-se compreender a inevitabilidade desta conclusão se considerarmos que idearia este tipo de linguagem equívoca num outro contexto onde se requer franqueza absoluta, como por exemplo num depoimento no tribunal, em que uma testemunha tem de dizer a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade:

Ministério Público: Revelou todo o conteúdo da mensagem que recebeu do Sr. Silva?

Testemunha: Revelei a mensagem de forma autêntica e integral.

Se um júri ouvisse esta pergunta e esta resposta, como é que podia deixar de concluir que a testemunha estava a esconder alguma coisa? É assim que os júris concluem, e com razão, quando uma pergunta que requer um "sim" ou um "não" é respondida de forma equívoca. Ora o júri da opinião pública teve aqui uma resposta deste género. Mas basta. Com a Igreja e o mundo em perigo, os féis têm direito a uma resposta simples para uma pergunta simples, em vez de inteligentes elaborações "romanas" que indicam obviamente uma espécie de reserva mental.

### *Messori apela à autoridade*

A testemunha seguinte de Bertone foi o famoso vaticanista e escritor Vittorio Messori, que trabalhou com João Paulo II no seu livro de sucesso *Atravessando o Limiar da Esperança*. Tal como o Bispo D. Serafim, Messori não apresentou nada substancial, mas o seu aparecimento não deixa de ter a sua utilidade: Messori pede nada menos do que uma confiança cega no Cardeal Bertone, simplesmente porque o Cardeal é um funcionário superior do Vaticano.

Como Messori disse: “[S]e já não podemos confiar nos pastores da Igreja, no nível mais alto da Igreja, num assunto como este, se fomos realmente enganados, conduzidos por um caminho errado em coisas como esta, em que a protagonista é a própria Maria... e em que estas verdades, na perspectiva da Fé, vêm directamente do Céu, e estas verdades foram distorcidas, cortadas e manipuladas, bem, como Católico é difícil, se não impossível, e uacitar esta perspectiva.” Messori acrescentou que, embora ele próprio tivesse dado crédito à ideia de que o Terceiro Segredo devia incluir uma predição de apostasia na Igreja, que se encontraria nas palavras indicadas pelo famoso “etc”, agora “arrependia-se” porque “Sou um pouco antiquado, estou com *Roma locuta est, causa finita est* (Roma falou, o caso está encerrado), no sentido de que é absolutamente impossível para mim seguir o que também são amigos, e que estimo e respeito, porque... não é possível para mim aceitar as hipóteses de que as próprias cúpulas da Igreja nos enganariam e manipulariam.”

Messori é um homem subtil e inteligente, e é por isso que é um desapontamento vê-lo abandonar toda a subtilidade e inteligência em favor de um pedido público de aceitação acrítica das afirmações de um prelado que, em primeiro lugar, *nunca negou realmente* que há um texto oculto do Terceiro Segredo, e que, além disso, fez declarações tão claramente inacreditáveis que até os estimados e respeitados colegas de Messori, que não são menos católicos do que ele, não o puderam aceitar.

Ora bem, é claro que o Cardeal Bertone não é um “pastor da Igreja”, mas antes um funcionário do Vaticano sem qualquer autoridade pastoral sobre os fiéis. Mas mesmo que Bertone tivesse autoridade pastoral sobre católicos individuais, como Messori, não se poderia dizer *Roma locuta est, causa finita est* sobre as suas declarações, porque esta máxima antiga é reservada unicamente a pronunciamentos papais definitivos, e não a afirmações de um só Cardeal, como Messori sabe bem. O Papa não se pronunciou sobre esta controvérsia de forma a obrigar os fiéis a aceitar a versão de Bertone. E, como Messori certamente compreende também, as promessas de Cristo sobre a indefectibilidade da Sua Igreja nunca incluíram a promessa de que um qualquer Cardeal será sempre sincero e acima da tentação de ocultar ou manipular a verdade. Pelo contrário, como S. Paulo avisou os Bispos seus colegas sobre o futuro da Igreja:

Tende atenção em vós mesmos e em todo o rebanho sobre

que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para governardes a Igreja de Deus, que Ele adquiriu como Seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, se introduzirão entre vós lobos esfomeados que não pouparão o rebanho. *E de entre vós mesmos hão-de levantar-se homens a ensinar doutrinas perversas, que tentarão levar discípulos atrás de si.*<sup>289</sup>

Como vemos, é a própria Escritura que nos avisa que certos membros da hierarquia podem desorientar os fiéis, e fá-lo-ão; e, como se vê na história da Igreja, mais do que uma vez houve prelados de alto grau que o fizeram. E, como vimos no Capítulo 3, a Irmã Lúcia avisou-nos repetidamente sobre a “desorientação diabólica” na Igreja, em ligação com o Terceiro Segredo, que ela própria ligou ao Livro do Apocalipse. Mas Messori, tal como Bertone, parece ter adoptado a posição de que é simplesmente inconcebível que possa haver traições e desvios da verdade entre os membros do aparelho de Estado do Vaticano, posição e esta que não encontra garantias na Sagrada Escritura, nos ensinamentos da Igreja, na história da Igreja, ou mesmo na própria Mensagem de Fátima.

Messori certamente concorda e menciona mesmo esquecer o Papa pode fazer declarações demonstravelmente desacreditáveis, esperando que sejam acreditadas. É doutrina definida da nossa religião que a Fé não pode contradizer a razão;<sup>290</sup> e, como diz S. Tomás, contra factos não há argumentos. É triste, mas temos de dizer que os comentários de Messori só podem ser vistos como um pedido para se abandonar a razão neste assunto, para se ignorarem factos, para ter uma fé cega num determinado prelado que é um ser humano tão falível como o próprio Messori. Tínhamos o direito de esperar mais de Messori, especialmente tendo em conta que já reconhecera que Socci e os “Fatimistas” tinham apresentado pontos objectivamente válidos. O “arrependimento” de Messori ainda é um maior desapontamento, porque Bertone não negou realmente estes pontos, só deu a aparência de os negar – algo que um homem tão astuto como Messori devia ser capaz de compreender.

#### *A testemunha-surpresa de Bertone*

A parte seguinte do “Show do Cardeal Bertone” foi uma surpresa que o Cardeal pensava evidentemente que seria irrefutável pelos

<sup>289</sup> Actos 20:28-30.

<sup>290</sup> Cf., por exemplo, CONCÍLIO VATICANO I, *Fé e Razão*, Capítulo 4, Cânones 5 e 10.

críticos da versão oficial: uma entrevista em vídeo do Arcebispo Capovilla, apresentada como uma “negação” de que houvesse um “Quarto Segredo” de Fátima. Não foi grande surpresa para os termos Capovilla finalmente acrescentado à campanha de Bertone, dada a pressão que estava a sofrer desde o anterior. Mas também não surpreendeu que, tal como aconteceu com as declarações de Capovilla publicadas anteriormente pelo meio ridículo da revista *Diva e Donna*, a entrevista em vídeo não continha nenhuma negação. Pelo contrário, a entrevista deu tão mau resultado como *A Última Vidente* e a aparição de Bertone no programa televisivo *Porta a Porta*. De facto, no segmento da entrevista, de quatro minutos, transmitido pelo canal *Telepace*, Capovilla chegou a *confirmar* factos-chave que vão contra a versão oficial, e não alterou o seu depoimento a Paolini. Mas antes de discutir o que Capovilla disse na gravação de vídeo, temos de fazer algumas observações preliminares.

*Primeira observação:* A entrevista de Capovilla não foi dirigida por um representante do Vaticano em missão oficial da Igreja, mas sim por Giuseppe De Carli, co-autor leigo do livro de Bertone *A Última Vidente*. Na sua introdução e escrita à transcrição da entrevista, distribuída à imprensa, De Carli disse que, em 22 de Agosto de 2007, “este escritor encontrava-se em Sotto il Monte [a terra natal de Capovilla] para obter em pessoa uma versão valiosa, a única, dos acontecimentos que tiveram lugar quase há meio século.”<sup>291</sup> Ele “encontrava-se” em Sotto il Monte? Teria acontecido que estava na vizinhança com uma equipa de vídeo e deu-lhe na cabeça ir visitar o Arcebispo? Teria ele, mais a sua equipa de vídeo, chegado a Sotto il Monte num transe hipnótico colectivo, para ser acordado por um estalar dos dedos do Arcebispo?

Seramente, a escolha de palavras de De Carli tinha por fim eliminar a necessidade de explicar *quem* o tinha mandado visitar Capovilla – obviamente, o Cardeal Bertone – e porque é que Bertone usou um jornalista leigo como seu agente, e em vez do Vaticano enviar um representante oficial para clarificar este assunto embaraçoso. Está claro que o Vaticano não queria absolutamente nenhuma ligação oficial com qualquer tentativa de fazer Capovilla “desmentir” subitamente as declarações que fizera um ano antes e que tinham sido publicadas por todo o mundo sem a menor objecção da sua parte. Esta era, portanto, mais uma daquelas estranhas manobras privadas e extra-oficiais usadas por

<sup>291</sup> Transcrição dada à imprensa em 21 de Setembro de 2007, p. 1. Perguntas de Giuseppe De Carli; respostas do Arcebispo Loris Capovilla. Todas as citações que se seguem foram traduzidas desta transcrição.



Bertone para tentar reforçar a versão oficial, enquanto o Vaticano observava em silêncio.

*Segunda observação:* Já tinha passado mais de um ano desde o depoimento de Capovilla a Paolini, admitindo que havia dois envelopes e dois textos relativos ao Terceiro Segredo, e Capovilla não tinha feito objecções à narração que Paolini fez desse depoimento, como foi publicado dez meses antes por Soggi. Mas agora, diz a introdução de De Carli, “Monsenhor Capovilla decidiu romper o silêncio depois de ter lido o livro *A Última Vidente de Fátima*, do Cardeal Tarcisio Bertone... e, de modo particular, as críticas reiteradas dirigidas à tese apresentada pelo Secretário de Estado na sua descrição.” Note-se que Capovilla não “rompeu o silêncio” porque Paolini ou Soggi tinham distorcido o seu depoimento. Querem que acreditemos que foi o livro do Cardeal Bertone que inspirou Capovilla a apresentar-se. Mas para dizer o quê? Para não dizer nada, como veremos, a não ser algumas revelações que infingem mais danos à “tese” de Bertone.

*Terceira observação:* De Carli não ajudou Bertone ao sublinhar, na sua introdução, que, durante a entrevista e em que ele “se encontrava”, Capovilla

consultou o seu diário pessoal daquele período, mas a *precisão da sua memória é absoluta*. Capovilla, apesar da sua idade avançada, é *um milagre de lucidez* e de energia oratória. É um homem que se poderia ouvir durante horas. A reconstrução dos acontecimentos foi *minuciosa, rica de pormenores*, cheia de sugestões, até pastoral e espiritual.

Assim se põem de lado quaisquer possíveis sugestões de que a memória de Capovilla estaria incorrecta quando falou com Paolini um ano antes.

*Quarta observação:* Pode calcular-se como a entrevista gravada em vídeo foi cuidadosamente preparada pela revelação de De Carli, na introdução, de que “Em Julho deste ano, Monsenhor Capovilla enviou um dossier ao Cardeal Bertone” – evidentemente, o mesmo dossier que Paolini viu Capovilla preparar durante o encontro de 21 de Junho de 2007. De Carli apresentou a seguinte citação do dossier: “A asserção que veio a ser-me atribuída, segundo a qual teria declarado explicitamente que há uma parte não revelada do Terceiro Segredo, não é apoiada por nenhum *documento*.” Mas quem é que alguma vez disse que há um *documento* em que Capovilla diz que uma parte do Segredo não foi revelada? O seu depoimento a Paolini, sobre este assunto, foi *oral*. A introdução mostrou que as

subtilezas e as evasivas cuidadosamente ditas estariam na ordem do dia quando De Carli “se encontrava” em Sotto il Monte.

*Quinta e última observação:* É necessário recordar sucintamente os pontos principais do relato que Paolini fez do que Capovilla lhe disse, um relato cujos pormenores devastadores confrontaram De Carli quando ele “se encontrava” na presença de Capovilla com uma equipa de vídeo:

- Paulo VI leu pela primeira vez o Terceiro Segredo em 27 de Junho de 1963, quase dois anos antes da data (27 de Março de 1965) dada na versão oficial de Junho de 2000, o que demonstra que Paulo VI tinha antes lido um texto cuja existência a versão oficial não revelou.
- Esta enorme discrepância em datas é confirmada pelo facto de que, como Capovilla disse, “talvez o envelope Bertone [*plico*] não seja o mesmo que o envelope Capovilla [*plico*].”
- Tanto João XXIII como Paulo VI leram um texto do Terceiro Segredo que estava nos aposentos papais, numa escrivania antiga chamada “Barbarigo” – *enão* no arquivo do Santo Ofício, onde se encontrava o texto a que se refere a versão oficial – e foi desta escrivania antiga que Paulo VI tirou o texto que leu dois anos antes da data apresentada na versão oficial.
- Em resposta à pergunta exacta de Paolini: “Então, ambas as datas são verdadeiras, porque há dois textos do Terceiro Segredo?”, Capovilla deu esta resposta absolutamente decisiva: “Exactamente! (*Per l'appunto!*).”<sup>292</sup>

Todas estas afirmações tinham sido publicadas cerca de um ano antes sem objecções por parte do Arcebispo, como sucedeu com o seu documento fechado e selado de 17 de Maio de 1967, uma cópia do qual ele tinha fornecido a Paolini.<sup>293</sup> Qualquer “desmentido” destas afirmações e deste documento seriam agora claramente indignas de credibilidade. Mas, fosse como fosse, nenhum “desmentido” que *não negasse explicitamente cada uma das afirmações* chegaria a constituir um verdadeiro desmentido. Que De Carli compreendeu isto, vê-se pela sua introdução à transcrição, em que *ele*, e *não* o Arcebispo Capovilla, faz a seguinte declaração:

Há décadas que tinham sido atribuídas a Monsenhor Capovilla frases que alimentaram a lenda de um “Quarto Segredo”. O “envelope Capovilla”, evocado pelos Fatimistas

<sup>292</sup> Soccì, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 142.

<sup>293</sup> Cf. [Apêndice I](#).

como algo de escuro e ameaçador (n'ó *Quarto Segredo* fala-se de uma apostasia planetária da Igreja Católica e de uma Roma sem fé destinada a tornar-se a sede do Anticristo), coincide com o “envelope Bertone”. O Vaticano não escondeu a verdade, não teve atitudes de um código de silêncio [ “omertà”], não omitiu a publicação de actas e documentos, não respondeu à necessidade de claridade com silêncio. Portanto, tudo o que existe foi revelado à luz do sol.

Assim, segundo *De Carli – e não* o Vaticano, num comunicado oficial! – o “envelope Bertone” e o “envelope Capovilla” “coincidem” (seja o que for que isto quer dizer) e o Vaticano não escondeu a verdade. Mas a expressão indignada de De Carli é manifestamente falsa. Em primeiro lugar, como a própria evidência de De Carli iria mostrar daí a momentos (como demonstrámos no Capítulo 6), é impossível que o “envelope Capovilla” “coincida” com o “envelope Bertone”, porque o envelope de Capovilla tinha anotações na sua letra, incluindo um texto ditado pelo Papa João XXIII, e Bertone *nunca mostrou* este envelope. A introdução de De Carli simplesmente ignorou os factos conhecidos, evidentemente na esperança de ninguém dar por isso.

Mas o que é que o *Arcebispo Capovilla* tinha a dizer sobre os dois envelopes na transcrição da entrevista que se segue à introdução “jornalística” de De Carli, tão distorcida que merecia ser troçada? Dada a história da controvérsia, não é de admirar que na gravação de vídeo Capovilla não negue *uma* só das afirmações que fez a Paolini. Por incrível que pareça, Paolini e os quatro encontros que teve com Capovilla *nem sequer são mencionados*. Há aqui um paralelo irónico: assim como Bertone a pareceu no *Porta a Porta* sem mencionar Capovilla, assim Capovilla apareceu no “*Show do Cardeal Bertone*” sem mencionar Paolini!

É note-se que Capovilla não a pareceu em pessoa durante o programa. Nem apareceu em transmissão directa de vídeo, como o próprio Bertone, Secretário de Estado do Vaticano, tinha feito no *Porta a Porta*. O facto de Capovilla ter sido mantido a fastado directamente das câmaras de televisão não podia deixar de levantar suspeitas, visto que o Arcebispo é “*um milagre de lucidez e de energia*” e “*um homem que se poderia ouvir durante horas*.” A última coisa que Bertone queria era que a sua testemunha de sensação fosse *mesmo* uma testemunha, porque isso significaria que o Arcebispo não poderia ser limitado a afirmações cuidadosamente editadas, feitas na fita gravada e apresentadas à audiência ser qualquer possibilidade de contradição.

*Outra entrevista desastrosa*

Examinemos agora o que o Arcebispo Capovilla disse durante a entrevista gravada de quatro minutos que foi apresentada no auditório durante o “*Show do Cardeal Bertone*”.

Em mais uma das irregularidades e contradições que infestam as apresentações de Bertone, a transcrição impressa da entrevista é substancialmente mais longa que a faixa sonora do segmento de vídeo transmitido do auditório. Além disso, enquanto o segmento de vídeo tem uns quatro minutos de duração, a entrevista completa, segundo De Carli, tinha uma duração de trinta minutos. A faixa sonora, portanto, foi claramente sujeita a uma extensa edição, muita dela coberta por “fotos de cobertura” ou gráficos de filmes de arquivo que enchiam o ecrã enquanto Capovilla falava ao fundo, de modo que o telespectador não podia ver a imagem de Capovilla saltar no sítio de cada corte. Balsear-nos-emos na transcrição impressa, por ser mais completa.

A introdução de De Carli à transcrição afirma que a gravação em vídeo e em áudio da entrevista são “provas irrefutáveis,” mas não chega a dizer *o que é* que provam. A verdade é que provam que a versão “oficial” não é credível. Vejamos as partes mais pertinentes da transcrição impressa:

**Excelência Reverendíssima, o Papa João tomou conhecimento do “Terceiro Segredo de Fátima” imediatamente?**

...O Papa João ascendeu ao trono papal em 28 de Outubro de 1958. Em Dezembro, Cento [o núncio papal em Portugal], que entretanto tinha sido feito cardeal, falou-lhe deste envelope e disse-lhe que o segredo de Fátima tinha sido enviado a Pio XII.

Aqui, Capovilla já sugere, ao contrário da versão oficial, que um envelope contendo o Terceiro Segredo estava à guarda pessoal de Pio XII – ou seja, nos aposentos papais e não no arquivo do Santo Ofício, como diz a versão oficial. Daí a uns momentos, Capovilla iria confirmar precisamente isso.

**Como reagiu o Papa Roncalli?**

*Não teve pressa em lê-lo. Tinha outras prioridades. Tinha de começar o serviço petrino e convocar o Concílio Vaticano II. Em Agosto de 1959 encontrava-se em Castelgandolfo. Era um*

momento de calma, de tranquilidade. Chegou à residência de Verão o Padre dominicano Pierre Paul Philippe, com o texto do “Terceiro Segredo”. Estava ansioso por conhecer o conteúdo. Mas o Papa não: “Hei-de vê-lo na sexta-feira com o meu confessor.”

Até a qui, n em u ma p alavra s obre a s r evelações e xplosivas que Capovilla fez a Paolini, mas o Arcebispo confirmou precisamente a tese de Socci, atrás anotada, de que o Papa João adiou deliberadamente a leitura do Segredo porque “queria anunciar a convocação do Concílio Vaticano II, quase como se quisesse pôr um *fait accompli* perante o Céu.”<sup>294</sup> Note-se também o grau de pormenor nas recordações de Capovilla, incluindo datas, horas, lugares e até o dia da semana, quase cinquenta anos atrás. Não há dúvida de que o Cardeal tem uma memória excelente e apontamentos escritos em pormenor de quando era secretário do Papa João XXIII.

**O primeiro Papa que veio a conhecer o “mistério do século” escolheu um contexto quase sacramental. Quem era o confessor?<sup>295</sup>**

Era Alfredo Cavagna, já nos seus oitenta anos, teólogo e jurista. Abriram juntos o envelope. O Papa telefonou-me. Disse: “Estamos a dar uma olhadela ao texto da Irmã Lúcia mas não conseguimos entendê-lo. Pode dar-nos uma ajuda?” Na altura senti-me privilegiado, e digo-lho com muita humildade. Eu, porém, não conhecia a língua portuguesa. *Devo dizer que, por vezes, disse e escrevi que no texto havia expressões dialectais. Na realidade não havia.* O facto é que eu não sabia a língua, e interpretei mal. Chamou-se um *minutante* [escrivão de minutas] da Secretaria de Estado, o português Paulo Tavares, um padre muito bom e santo. Chamaram-no passados um ou dois dias. Ele fez uma tradução. O Papa viu, leu, considerou, rezou.

Ainda nem uma palavra sobre as revelações a Paolini. Mas aqui Capovilla, obviamente incitado por alguma pergunta feita fora do alcance das câmaras, disse de repente que se tinha enganado

<sup>294</sup> Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 205.

<sup>295</sup> Esta pergunta não aparece no segmento de vídeo, mas aparece na transcrição escrita; e a resposta na transcrição escrita varia no seu conteúdo em relação à resposta de Capovilla no vídeo, que se refere a uma pergunta inteiramente diferente. Isto indica que as respostas de Capovilla no segmento de vídeo foram cortadas dos 30 minutos de gravação que De Carli diz terem sido feitos, e re-arranjados até certo ponto.

em relação ao seu testemunho oral e escrito repetido ao longo de décadas (discutido no Capítulo 2), de que o texto do Segredo que o Papa João leu em Agosto de 1959 continha expressões difíceis, próprias da língua portuguesa, que necessitavam de uma tradução para italiano, feita pelo Padre Tavares, para que o Papa o pudesse compreender. Como Capovilla confirma aqui, essa tradução só estava pronta um dia ou dois depois de o Papa João ter aberto o envelope lacrado e ter tentado ler o texto por sua conta.

Porque é que Capovilla teria agora feito questão, cinquenta anos mais tarde, e mencionar que se tinha enganado quanto às peculiaridades linguísticas do texto que o Papa João leu em 1959? Recorde-se que, no Capítulo 2, também notámos o depoimento do Cardeal Ottaviani de que, em 1960, o Papa João lera um texto do Segredo *noutro* envelope lacrado, e que o Papa não tivera problemas em ler este texto: “*Ainda lacrado, foi mais tarde, em 1960, levado ao Papa João XXIII. O Papa quebrou o lacre e abriu o envelope. Em bora fosse em português, e le disse-me depois que compreendeu inteiramente o texto.*”<sup>296</sup> Capovilla não questionou este depoimento. Recordemos também que, no *Quarto Segredo*, Soccidá em apêndice a análise de um linguista português, que concluiu que a visão do “Bispo vestido de branco”, publicada em 2000, *não tinha* quaisquer expressões dialectais portuguesas difíceis.

Estes factos apontam claramente para a existência de dois textos diferentes: um que o Vaticano publicou em 2000, e escrito em português “regular”, e o outro ainda por publicar, que contém expressões idiomáticas portuguesas mais difíceis. Parece, pois, que Capovilla, num esforço para atacar a apresentação de Soccidá, teria sido subitamente induzido a sugerir que o seu depoimento oral e escrito, consistente ao longo da sua vida, era um “erro” (mas não uma mentira).

Mas a desculpa de Capovilla para o seu “erro” não faz sentido: “Não sabia a língua, e interpretei mal”. Se Capovilla não sabia português, não lhe teria corrido, para começar, dizer que o texto continha expressões portuguesas particularmente difíceis, visto que *todas* as expressões portuguesas seriam difíceis (e até incompreensíveis) para ele. Portanto, não poderia saber que o texto continha um português particularmente difícil *a não ser que alguém lho dissesse* – ou o Papa ou o Padre Tavares. Se o depoimento de Capovilla só podia basear-se na opinião de terceiros, a sua declaração súbita de que *ele* se tinha enganado, que *ele* interpretou

<sup>296</sup> WTAF, Vol. III, p. 557.

mal, dita quase cinquenta anos depois dos factos, tem as marcas de uma improvisação destinada a pôr de lado declarações que atacam seriamente a versão oficial, mas sem Capovilla ter de se chamar mentiroso a si próprio. Mesmo assim, Capovilla confirmou a correcção dos relatos de Frère Michel e de outros estudiosos de Fátima sobre o seu testemunho anterior quanto a este ponto.

A pergunta seguinte de De Carli refere-se à tradução para italiano do Segredo, feita pelo Padre Tavares, e a qui Capovilla lançou uma bomba – uma de muitas revelações inadvertentes que destruíram a tentativa de Bertone de defender a versão oficial:

### **Também leu a tradução do português para italiano?**

Sim, *com certeza*.<sup>297</sup>

Capovilla revelou, pela primeira vez, que uma tradução italiana *escrita* do Terceiro Segredo foi feita para o Papa João XXIII em 1959. Ora bem, onde é que ela está? Segundo a versão oficial, a única tradução escrita foi feita em ou cerca de 6 de Março de 1967, quatro anos após a morte do Papa João. Esta é a mesma tradução cujo envelope datado Bertone mostrou no *Porta a Porta*, mas sem mostrar a tradução em si.

Mas qual seria a razão para a tradução do Segredo de 1967 se já se tinha feito em 1959 uma tradução para o Papa João XXIII, sob os auspícios da Secretaria de Estado e a pedido específico do Papa? É óbvio que não havia razão nenhuma – *a não ser que a tradução de 1959 fosse de um documento diferente*. Um documento que ainda nos falta ver. Um documento que contém expressões portuguesas particularmente difíceis, que Capovilla mencionou repetidas vezes em declarações orais e escritas, que agora, inesperadamente, declarou serem um erro. Isto explicaria porque é que nem a tradução de 1959 nem a tradução de 1967 foram publicadas. Também explicaria porque é que não se encontra uma menção da tradução de 1959 em parte nenhuma da versão oficial, mesmo considerando que não havia razões para não a mencionar se a tradução fosse realmente do mesmo documento que o Vaticano publicou em 2000.

Assim, Capovilla revelou que, assim como há dois textos do Terceiro Segredo diferentes mas relacionados, precisamente como disse a Paolini, também há duas traduções diferentes mas relacionadas. Até aqui, só vimos um dos textos do Segredo e um

<sup>297</sup> Nem esta pergunta nem a resposta se vêem ou ouvem na gravação de vídeo, mas aparecem somente na transcrição escrita – mais uma indicação de que Capovilla tinha muito mais a dizer do que Bertone quis apresentar na televisão.

envelope que supostamente continha a tradução de 1967.

Há, porém, uma conclusão alternativa possível: que as duas traduções, de 1959 e 1967, sejam do mesmo texto do Terceiro Segredo, do que contém expressões idiomáticas difíceis e que ainda não vimos. Talvez a tradução do texto de 1967 fosse considerada “melhor” do que a tradução de 1959. Seja como for, como não nos mostraram *nem* a tradução de 1959 *nem* a de 1967 – mais uma circunstância suspeita numa montanha de suspeitas – só podemos especular sobre este ponto.

A pergunta seguinte de De Carli demonstrou que o aparecimento cuidadosamente controlado em vídeo de Capovilla iria ser mais um exercício em evasivas do princípio ao fim:

**Monsenhor Capovilla, este ponto é extremamente importante. O texto que leu corresponde ao que foi apresentado ao mundo em Junho de 2000 pelo Cardeal Joseph Ratzinger e por Monsenhor Tarcisio Bertone?**

Mas com certeza! Já o disse, e torno a repeti-lo de boa vontade: esse é o texto. *Não o recorde palavra a palavra, mas o núcleo central é o mesmo.*

Claro que ninguém, incluindo Soggi, alguma vez sugeriu que a visão do “Bispo vestido de branco” não é uma *parte* autêntica do Terceiro Segredo, ou que não é *um* dos textos que o Papa João XXIII leu. A questão, como De Carli e Capovilla sabiam muito bem, era se o Papa João leu um *segundo* texto, em que a Santíssima Virgem explica a visão, de modo que haveria dois textos relacionados compreendendo a totalidade do Terceiro Segredo. Capovilla admitiu precisamente a Paolini que há dois textos: “Exactamente!”, disse. Durante a entrevista de De Carli, Capovilla não negou o que dissera a Paolini. Na verdade, *nem sequer mencionou Paolini.*

Encontramos aqui uma missão condenatória: *De Carli não mostrou a Capovilla o texto publicado da visão, para lhe refrescar a memória.* Em vez disso, deixou Capovilla sair-se com uma observação vaga: “Não o recorde palavra a palavra, mas o núcleo central é o mesmo.” O núcleo central? O que é que isto significa? Porque é que De Carli não *mostrou* simplesmente o texto a Capovilla, em vez de o fazer apoiar-se na sua memória acerca de um “núcleo”?

A falha de De Carli em mostrar o texto e em questionar a quem pedia que o autenticasse parece, à primeira, ser inexplicável. Mas há uma explicação. Capovilla *não* está a apoiar-se na memória sobre o texto da visão, porque ele sabe até



ao mais íntimo pormenor o que o texto contém. E sabe, mesmo que não haja outra razão, porque, como muitas outras pessoas, tem um exemplar d'A *Mensagem de Fátima*, que reproduz o texto completo. De facto, como vimos no Capítulo 6, Capovilla recomendou a Paolini que obtivesse um exemplar da *Mensagem*, para compreender o que ele lhe ia dizer em relação ao Segredo. Ora como Capovilla tinha acesso directo a um exemplar do texto publicado da visão, reproduzido na *Mensagem*, não teria dificuldade em recordar perante as câmaras o que está exactamente no documento. Não iria dizer uma coisa tão estranhamente evasiva como "o núcleo central é o mesmo". Além disso, o próprio Bertone tinha mostrado o texto na televisão, menos de três meses antes de De Carli ter entrevistado Capovilla. Será de ceder que Capovilla não tenha visto este programa, ou pelo menos uma gravação dele? Capovilla podia até ter obtido acesso ao texto original no Vaticano, se Bertone estivesse realmente interessado em o autenticar.

Portanto, podemos concluir que a vaga lembrança de Capovilla é uma pose retórica. Como não tinha o documento em frente dele no momento em que estava a ser entrevistado, podia alegar uma falta de memória precisa sobre o seu conteúdo, evitando assim fazer afirmações definitivas sobre se o texto da visão era ou não o texto - o único texto - que o Papa João XXIII leu. O Arcebispo não quis comprometer-se com essa proposição porque sabia que há *outro* texto, tal como dissera a Paolini. Daqui os vagos comentários sobre o "núcleo" de um documento que, sem dúvida, tinha à mão e que lera antes da entrevista em vídeo.

Considere-se o absurdo do que querem que acreditemos: que Capovilla não podia responder com precisão a perguntas a que *qualquer pessoa no mundo podia responder precisamente*, bastando-lhe apenas examinar a reprodução do texto da visão na *Mensagem*, de que o próprio Capovilla possuía um exemplar. Esta foi mais uma daquelas evasivas tipicamente "romanas", que servem para uma pessoa se livrar de embaraços sem chegar mesmo a mentir.

Isto também explicaria porque é que De Carli não pediu a Capovilla que negasse ter dito a Paolini que há dois textos relativos ao Segredo. Não seria possível uma evasiva "romana" em resposta a uma pergunta tão directa. O Arcebispo não podia negar que tinha dito a Paolini que havia dois textos, porque sabia que havia. Eis porque o Arcebispo nem sequer podia *mencionar* Paolini. E De Carli também não.

**No texto que leu em 1959 fala-se de um "bispo vestido**

**de branco” que é morto aos pés de uma grande cruz?**

Sim, fala disto; isto pareceu-nos ser o *núcleo* daquela revelação privada recebida pelas crianças de Fátima.

Novamente, o Arcebispo fez uma referência curiosa ao “núcleo” de um texto que estava literalmente ao alcance dos seus dedos, mas que, coisa reveladora, não lhe mostram perante as câmaras. E Capovilla ainda nem sequer mencionou Solideo Paolini, e muito menos negou as declarações que lhe fez. Note-se que perguntaram duas vezes a Capovilla para afirmar o que, para começar, ninguém nega: que João XXIII leu um texto em que se falava do “Bispo vestido de branco.” Todavia, De Carli nem sequer uma vez pediu a Capovilla que negasse que há *outro* texto, contendo as palavras da Santíssima Virgem, que explica a visão.

A pergunta e resposta seguintes demonstram ainda mais claramente as evasivas cuidadosas que caracterizam toda a entrevista:

**E por que razão, segundo pensa, se continua a escrever que João XXIII teria lido não este texto, mas outro texto, o chamado “Quarto Segredo”, que a Igreja teria até agora conservado escondido?**

Como se pode dizer que foi escondido? O Terceiro Segredo foi lido por João XXIII; o seu confessor leu-o; eu, seu humilde secretário, vi-o; o Cardeal Tardini viu-o; as duas personagens mais importantes da Secretaria de Estado, Monsenhor Antonio Samorè e Monsenhor Angelo Dell’Acqua; todos os chefes dos dicastérios, começando pelo Cardeal Ottaviani. Estando em férias, no Colégio da Propaganda Fide, há o Cardeal Agagianian. O Secretário da Congregação, Sigismondi, viu-o.

A pergunta é enganadora, mas a resposta é espantosa. Pela *terceira* vez, De Carli sugere falsamente com a sua pergunta que os “Fatimistas” dizem que o Papa João XXIII não leu o texto da visão, mas antes um outro texto, quando ele sabia muito bem que o que dizem é que o Papa leu *tanto* o texto da visão *como* outro texto que explica o significado da visão. De Carli continuou a fingir ignorância do verdadeiro problema – a existência de um segundo texto – e o Arcebispo continuou a não tratar dele.

Mas vejamos a resposta de Capovilla: *Não negou que há outro texto.* Negou antes que o texto em causa estivesse escondido, mas

fê-lo, claramente, apenas porque *um grupo escolhido de prelados – e não o público em geral – o leu*. E note-se *que Capovilla não declarou que toda a gente conhece o Segredo porque o Segredo está contido inteiramente na visão publicada em 2000*. Porque é que o Arcebispo – “um milagre de lucidez” – se esqueceria de marcar um ponto tão óbvio se a visão já publicada fosse realmente o Segredo inteiro? Só pode haver uma resposta razoável: o Arcebispo sabia que o Segredo tem mais do que a visão. E aqui está porque é que não declarou simplesmente, quando tinha a oportunidade perfeita de o fazer, que o mundo conhece todo o Terceiro Segredo desde o ano 2000.

Consideremos também que o que quer que aquele grupo escolhido de prelados leu devia ser coisa mesmo muito grave, para o Papa ter dado a tantos a incumbência de o ler. Certamente que a visão ambígua de um “Bispo vestido de branco”, só por si, não teria uma importância tão urgente que justificasse chamar o Secretário de Estado e o chefe de cada departamento do Vaticano para o examinar, ainda por cima com um compromisso de sigilo absoluto que foi mantido durante quase cinco décadas.

Já passara a metade do segmento da entrevista e Capovilla ainda não fizera qualquer esforço para desmentir o seu depoimento a Paolini, enquanto De Carli continuou a evitar por completo o assunto de Paolini. Em resposta à pergunta seguinte de De Carli, porém, Capovilla lançou mais uma bomba sobre o edifício já em escombros da versão oficial:

### **E a conclusão desta leitura colectiva?**

Foi que nenhum dos que leram o texto pediu ao Papa para o publicar, para falar dele. O Papa hesitou, e então decidiu: “Vi-o, li-o, e vamos tornar a lacrá-lo.” Ditou-me um texto para escrever no envelope: Não me pronuncio. Passou o encargo para outros: para uma comissão, para uma congregação, ou para o seu sucessor.

Capovilla revelou, assim como tinha revelado a Paolini, que há um envelope contendo o Terceiro Segredo em que escreveu, por mandado do Papa: “Não me pronuncio.” Também sabemos, como mencionámos no Capítulo 6, que Capovilla escreveu no mesmo envelope “uma nota sobre a maneira como o envelope lhe chegara às mãos [de João XXIII] e os nomes de todos os que considerou necessário que soubessem.”<sup>298</sup>

Como já fizemos notar, *este envelope nunca foi mostrado pelo*

---

<sup>298</sup> Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 142.

*Vaticano e nem sequer foi mencionado na versão oficial. Porquê? Que razão haveria para esconder o envelope que faltava, a não ser a vontade de ocultar o conteúdo? Se não houvesse nada a esconder, certamente mostrariam o envelope ou, pelo menos, mencioná-lo-iam na versão oficial. Tendo em conta toda a evidência apresentada, só pode haver uma conclusão: o envelope que falta contém exactamente o texto em questão, a parte ainda oculta do Terceiro Segredo de Fátima.*

Também não se pode escapar a esta conclusão, supondo que o envelope com as palavras ditadas pelo Papa João XXIII, assim como a nota adicional e a lista de testemunhas, escritas por Capovilla, seria apenas um envelope exterior contendo o envelope interior da Irmã Lúcia, e que o envelope exterior teria acabado por ser deitado fora. É inconcebível que um envelope com palavras ditadas pelo Papa e outras informações de uma grande importância histórica tivesse ido para o cesto dos papéis - a não ser que, mais uma vez, houvesse alguma coisa a esconder. Mas mesmo se o envelope tivesse sido deitado fora, por causa de algum erro terrível, porque é que Bertone não explicava simplesmente o incidente, evitando assim que se criassem ainda mais motivos de suspeita?

A revelação de Capovilla só corroborou a ainda mais o seu depoimento a Paoletti, o depoimento e esse que não pediram a Capovilla que o negasse, a té mesmo quando se aproximava a conclusão da entrevista:

**Excelência Reverendíssima, quantas linhas tem a terceira parte da mensagem que leu com o Papa João XXIII?**

Não sei ao certo.

**Tinha quatro páginas?**

Parecia-me uma mensagem bastantdonga, em letra pequena. *Provavelmente* quatro páginas pequenas [paginette]. *Não sei se eram páginas ou folhas [fogli]*. Mas isto é um pormenor em que não me demorei.

Mais uma vez - coisa incrível - não pediram a Capovilla que examinasse o texto publicado pelo Vaticano em 2000 e mostrado por Bertone na televisão em 2007, para confirmar que era o mesmo texto que leu com o Papa João XXIII em 1959. Pediram ao Arcebispo que recordasse de "memória" o número de linhas e páginas de um texto que lera uns cinquenta anos antes, em vez de dar uma

olhadela ao documento *que tinha disponível naquele momento preciso*. O Arcebispo declarou, com uma expressão impassível, que um documento que estava à mão, um documento que certamente tinha lido muitas vezes desde 2000, “parecia uma mensagem bastante longa”, que “provavelmente” teria quatro páginas, quando tinha de saber *exactamente* quantas teria. E Capovilla sugeriu que não se conseguia lembrar se o documento consistia de páginas contíguas (num fólio) ou folhas separadas de papel, quando, poucas semanas antes, Bertone tinha mostrado a todo o mundo que o texto da visão está escrito em quatro páginas contíguas de um fólio. Não restam dúvidas que ali havia uma espécie de jogo. E, mais outra vez, não se tentou discutir o depoimento do Arcebispo a Paolini.

**Não quero forçá-lo a tirar conclusões apressadas, nem suscitar mais polémicas. Podemos afirmar, depois do que disse, que o segredo lido por João XXIII não é o “Quarto Segredo”, mas é, simplesmente, o Segredo publicado e discutido pela Congregação para a Doutrina da Fé?**

Vou dizer-lhe mais. Quando ouvi falar do “Quarto Segredo”, fiquei espantado. Nunca tinha passado pela minha cabeça que havia um quarto segredo. Ninguém me disse isso, nem eu afirmei uma coisa desse género. Sempre defendi que esta não seria a última vez que o Senhor é revelado através da Mãe de Jesus ou dos santos. No que diz respeito a Fátima, li com muita alegria que o que foi definido precisamente pelo então Cardeal Ratzinger e que foi coligido de forma excelente num volume pelo Cardeal Bertone. Tenho do Magistério da Igreja o ensinamento de que preciso. O que foi dito representa, na verdade, alimento espiritual para todos nós.

Por esta altura, deveria ser claro para qualquer leitor atento que a entrevista é uma falsidade destinada a enganar os crédulos e os mal informados. Aqui Capovilla negou mais uma proposição que não estava a ser discutida: que há um “Quarto Segredo” de Fátima. Capovilla sabia muito bem que o “Quarto Segredo” não passa do título irónico do livro de Socci. O que estava em questão, mais uma vez, era se há uma parte do *Terceiro Segredo* que falta, como Capovilla admitiu a Paolini.

Em vez de tratar da questão presente, Capovilla responde à pergunta cuidadosamente montada de De Carli – cuidadosamente montada para *evitar* o que estava em questão – sobre se o texto que

o Papa João I era e era o texto publicado pelo Vaticano. Está claro que é! Mas o *outro* texto, o que *não* foi publicado pelo Vaticano, cuja existência Capovilla revelou a Paolini? O que tem Capovilla a dizer sobre ele? *Nem uma palavra.*

Quanto à declaração de Capovilla: “Tenho do Magistério da Igreja tudo o que preciso,” o que é que o Magistério, a fonte de ensinamento oficial da Igreja, tem a ver com o que Bertone e o então Cardeal Ratzinger tinham a dizer sobre Fátima? Como já vimos, o próprio Cardeal Ratzinger sublinhou que o comentário d’*A Mensagem de Fátima* de Junho de 2000, incluindo a sua “tentativa” de “interpretação” da visão do Bispo vestido de branco, não era, como não é, imposta aos fiéis. E pode-se considerar um insulto sugerir que o Magistério falou através d’*A Última Vidente* de Bertone, um livro secular co-escrito com um jornalista leigo. Capovilla recorreu a um argumento de autoridade falacioso, quando este prelado tão sofisticado sabia certamente distinguir entre o Magistério e as opiniões de Cardeais expressas num comentário ou num livro.

#### *De Carli “testemunha” por Capovilla*

Neste ponto, o segmento de vídeo transmitido no auditório termina, e embora a transcrição e escrita continue por mais uma página, com mais três perguntas e respostas. Na altura em que o segmento termina, a câmara regressou a De e Carli, que tem a audácia de declarar à audiência:

Concluo, portanto, que não há um envelope Capovilla em contraste com um envelope Bertone. Os dois envelopes são o mesmo documento.

*De Carli* concluiu? Mas o que é que *Capovilla* concluiu, visto que *De Carli* nunca lhe perguntou se havia ou não dois envelopes, o “envelope Capovilla” e o “envelope Bertone”? Com ainda maior audácia, De Carli acrescentou:

Perguntei a Monsenhor Capovilla porque é que nunca tinha dito estas coisas em tantos anos. “Disse, disse,” respondeu-me, “mas ninguém veio perguntar-me explicitamente.”  
Como podemos ver, as questões complexas às vezes têm soluções simples.

Só podemos abanar a cabeça de espanto com a aldrabice mal construída que aqui temos:

*Primeiro, é De e Carli, e não a testemunha, que dá a conclusão*

de que só há um envelope, e não dois envelopes, relativos ao Terceiro Segredo. O facto de De Carli se ter visto forçado a recorrer a este truque dá-nos quase a certeza de que é cúmplice de um encobrimento, porque é óbvio que não pôde extrair esta conclusão de Capovilla. Claro que Capovilla não diria isto, porque já tinha dito a Solideo Paolini – e, de facto, acabara de dizer a De Carli! – que há outro envelope, com as suas anotações manuscritas por ordem de João XXIII, que Bertone nunca mostrou. Além disso, a “nota confidencial” contemporânea de Capovilla (ver o Apêndice I) confirma a existência deste outro envelope, e coloca-a para além de qualquer possível “desmentido” manipulado hoje.

*Segundo*, De Carli, talvez aludindo a uma parte da entrevista que não aparece na transcrição escrita nem no segmento de vídeo (outra indicação dos grandes cortes sofridos pela entrevista de 30 minutos), sugeriu que Capovilla só estava à espera de que alguém fosse perguntar-lhe explicitamente sobre estes assuntos, e que esta é a resposta “simples” a uma pergunta aparentemente complexa. *Mas Solideo Paolini fez exactamente isso em várias ocasiões, e Capovilla falou-lhe da existência do outro envelope.* Ora De Carli fingiu que Paolini nunca tinha interrogado Capovilla sobre os assuntos em questão. A o mesmo tempo, De Carli sugeriu – sem a apresentar transcrição nem vídeo – que *ele* interrogou Capovilla sobre estes assuntos, quando não apresentou nem perguntas nem respostas! Como a entrevista gravada em vídeo durou trinta minutos, dos quais apenas quatro foram visionados pelos assistentes, é razoável concluir que mesmo que De Carli tivesse feito a Capovilla as perguntas certas, não gostou das respostas e não quis revelá-las. De Carli e Bertone pensam realmente que ninguém daria pelo truque que estavam a fazer?

*Terceiro*, na continuação da transcrição escrita, que já não corresponde ao segmento de vídeo, que é mais curto, *o próprio Capovilla confirmou novamente a existência de um envelope nunca mostrado contendo um texto do Segredo*, largando assim uma derradeira bomba sobre o que restava da versão oficial:

**Excelência Reverendíssima, também seguiu os primeiros anos do pontificado de Paulo VI. O Papa Montini leu a mesma mensagem duas vezes. É assim?**

Sim, assim é.

**A primeira vez foi alguns dias depois da sua eleição, em 27 de Junho de 1963; a segunda, em 27 de Março de 1965.**

Também já demonstrei isto. Em 27 de Junho de 1963 estava, naquele fim de tarde, com as Irmãs dos Pobres na Via Casilina. Monsenhor Dell'Acqua telefonou-me, preocupado. Não conseguiam encontrar o envelope de Fátima. *Eu respondi que talvez o encontrassem na escrivania chamada "Barbarigo,"* porque tinha pertencido a S. Gregório Barbarigo e fora doada ao Papa João pelo Conde della Torre. *O Papa João tinha muita estimação nela, tinha-a no seu quarto de cama, como uma relíquia.* Havia do lado direito e do esquerdo cinco ou seis gavetas. Mais tarde, Dell'Acqua telefonou-me e comunicou que *tinham encontrado o envelope.* Em 28 de Junho, o Papa Paulo chamou-me e perguntou quem tinha ditado as linhas no envelope. Expliquei que fora o próprio Papa, que queria indicar as pessoas que tinham tomado conhecimento do texto. "O Papa João não lhe disse e mais nada?," perguntou-me o Papa Paulo. "Não, Santo Padre, deixou que outros decidissem." "Também vou fazer o mesmo", respondeu o Papa Montini. O envelope foi outra vez lacrado e não se falou mais nele.

Note-se bem: É espantoso, mas o homem que se tinha tornado *uma testemunha de Bertone* confirmou especificamente o que dissera a Solideo Paolini: que um texto do Segredo estava guardado no quarto de cama papal, numa escrivania chamada "Barbarigo," e não no arquivo do Santo Ofício, e que este texto estava no envelope *que Bertone nunca mostrou*, e que tinha anotações ditadas por João XXIII.

Mas atenção: Tendo finalmente admitido a existência do "envelope Capovilla," Bertone estava a tentar (através de perguntas calculadas que De Carli fez a Capovilla) sugerir que o texto do "envelope Capovilla" nos aposentos papais era o mesmo do arquivo do Santo Ofício, embora isto nunca tivesse sido antes mencionado. Vejamos os enormes problemas que este "remendo" grosseiro da versão oficial criou para Bertone.

### *Uma reviravolta desesperada*

Recordemo-nos de como, n' *A Última Vidente*, Bertone troçou da ideia de um texto nos aposentos papais: "Em que é que se firma a certeza apodíctica de que o 'envelope' ficou sempre nos 'aposentos', e mesmo numa gaveta da mesinha de cabeceira do Papa?"<sup>299</sup> Ah, ah, ah. Mas agora, a mesma ideia de que Bertone

<sup>299</sup> *L'Ultima Veggente di Fatima*, p. 78.



troçara foi admitida abertamente na própria transcrição que De Carli criou a pedido de Bertone. Mas porque é que Bertone incluiu uma informação tão devastadora na transcrição (excluindo-a ao mesmo tempo do segmento de vídeo transmitido), se realmente estava a ocultar um texto do Terceiro Segredo? Qual foi o motivo desta reviravolta?

Simplemente, Bertone não tinha escolha possível, porque a existência de um texto do Segredo nos aposentos papais (nunca antes mencionado por ele ou pelo Vaticano) já não podia ser negada. Assim, Bertone adoptou uma tática muito usada pelos advogados nos julgamentos: Se fôres confrontado por provas irrefutáveis contra a tua posição, tenta fazer delas as *tuas* provas; *aceita-as, repete-as* até, como se quisesses mostrar ao júri que não estás minimamente incomodado com elas, e que o júri também não lhes deve dar atenção. Assim, Bertone, finalmente obrigado a admitir que sempre havia um texto nos aposentos papais, agora admitiu-o prontamente.

### *Os novos problemas de Bertone*

Tendo sido forçado a admitir a existência do texto nos aposentos papais, Bertone alterou de repente a sua versão dos factos para dar ideia de que este texto é o mesmo que estava no arquivo do Santo Ofício. Tentou “provar” isto levando De Carli a fazer as perguntas ridiculamente construídas para praticamente obrigar Capovilla a concordar que Paulo VI lera o mesmo texto em 1963 e 1965: “...Paulo VI leu a mesma mensagem duas vezes. É assim?... A primeira vez foi alguns dias depois da sua eleição, em 27 de Junho de 1963; a segunda, em 27 de Março de 1965?”

Com perguntas destas, é o interrogador, e não a testemunha, que está a testemunhar. É por isso que este género de perguntas capciosas não é permitível durante o interrogatório directo de uma testemunha nos procedimentos legais. As perguntas preparadas são um obstáculo à busca da verdade, porque sugerem desonestamente à testemunha a resposta que o *interrogador* gostaria que desse, em vez da resposta que a *testemunha* daria se não fosse levada pela maneira como a pergunta estava construída.

Fosse como fosse, a frase de De Carli “Paulo VI leu a mesma mensagem duas vezes” é suficientemente ambígua para que Capovilla concordasse sem mentir, porque “a mesma mensagem” podia abarcar dois *textos* diferentes do mesmo Terceiro Segredo, ou ambas as partes (a visão e a explicação da Santíssima Virgem)

lidas juntamente em 1963 e 1965. Note-se, contudo, que Capovilla não *disse* que Paulo VI lera o conteúdo do “envelope Capovilla” pela segunda vez em 1965. De facto, como a própria transcrição de De Carli revela, Capovilla *não podia saber* se Paulo VI o fez, mesmo que fosse verdade. Como Capovilla disse: “O envelope foi outra vez lacrado [em 1963] e *não se falou mais nele*.” Assim, De Carli simplesmente pôs as palavras na boca de Capovilla através das suas perguntas preparadas.

Tirando as perguntas atrapalhadamente preparadas de De Carli, Bertone não podia vencer com esta manobra. Antes de mais, se Paulo VI tivesse realmente lido o mesmo texto duas vezes – em 1963 e 1965 – Bertone já o teria dito há muito tempo, destruindo assim o mistério aparente. Tê-lo-ia mencionado na *Mensagem* de 2000, ou na *Última Vidente*, ou durante a sua entrevista no *Porta a Porta*. O facto de Bertone só agora o mencionar, depois de aparecerem provas inegáveis de um texto nos aposentos papais, sugere claramente que estamos perante o que a lei chama uma “fabricação recente” – uma mudança de uma história para poder encaixar factos que uma testemunha pensava que não iriam aparecer: “Encontrou uma arma na minha cave, Senhor Agente? Oh, sim, *essa* arma. Claro que esteve sempre lá. O dono anterior deixou-a lá. Não lhe tinha falado disso antes?”

Esta tática, porém, não dá resultado aqui, porque a evidência que Bertone acabou por aceitar e tentou manobrar a seu favor não pode deixar de aniquilar a sua “tese”. Como Capovilla revelou à assistência e recolhida a dedo por Bertone, na transcrição acima citada, em 1963 Monsenhor Dell’Acqua, subordinado do Papa Paulo VI, perguntou a Capovilla onde estava o “envelope de Fátima”, e Capovilla disse-lhe onde é que podia encontrar nos aposentos papais. Quer isto dizer que Dell’Acqua (que na altura era nada mais, nada menos que o Substituto do Secretário de Estado) *não perguntou ao Santo Ofício porque o texto que Paulo VI queria ler não estava lá*. Ora nós sabemos que, como a versão oficial revela, o Papa João XXIII devolveu *um* texto do Segredo ao Santo Ofício antes do seu falecimento em 1963, e que foi *este* texto que Paulo VI leu em 1965, e não em 1963:

Na realidade, a decisão do Papa João XXIII foi enviar de novo o envelope selado *para o Santo Ofício* e não revelar a terceira parte do “segredo.”

Paulo VI leu o conteúdo com o Substituto da Secretaria de Estado, Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> D. Ângelo Dell’Acqua, a 27 de

Março de 1965, e mandou novamente o envelope para o Arquivo do Santo Ofício, com a decisão de não publicar o texto.<sup>300</sup>

A versão oficial não diz em parte nenhuma que em 1963 Paulo VI mandou vir do Santo Ofício o texto que João XXIII tinha devolvido para lá, e nem mesmo Bertone o diz agora. Portanto, o texto que Capovilla ajudou Dell'Acqua a localizar nos aposentos de Paulo VI em Junho de 1963 – o texto guardado na escrivaninha chamada “Barbarigo”, muito estimada pelo falecido Papa João – não podia ter sido o que o mesmo Papa João devolvera ao Santo Ofício antes da sua morte. A tática de Bertone voltou-se contra ele e pô-lo num beco sem saída. A sua própria testemunha confirmou a existência de dois textos separados mas relacionados do Terceiro Segredo de Fátima: um no arquivo do Santo Ofício, e o outro no “Barbarigo”; um lido por Paulo VI em 1963 – o texto que o Papa João tinha no “Barbarigo”; o outro lido por Paulo VI em 1965 – o texto que o Papa João devolveu ao Santo Ofício.<sup>301</sup>

Em resumo, a aceitação tardia por Bertone da presença do “envelope Capovilla” nos aposentos papais, e o facto de não o ter mostrado nem ter explicado porque não o mostrou, são o golpe final na sua posição. Ele próprio demonstrou de forma concludente que está a esconder alguma coisa. A manobra de Bertone – que Paulo VI teria lido o mesmo texto, contido no mesmo envelope, em 1963 e 1965 – está cheia de buracos que não conseguiu explicar:

- Se Paulo VI leu em 1963 o mesmo texto que leu em 1965, e não há nada a esconder, então Bertone devia ter mostrado na televisão o envelope que Paulo VI voltou a fechar em 1963 – o “envelope Capovilla” em que, como a evidência do próprio Bertone provou, Capovilla escreveu as palavras ditadas por João XXIII, uma lista de nomes dos que tinham lido o conteúdo, e “uma nota sobre a maneira como o envelope chegou às suas mãos [do Papa João XXIII].”
- A versão oficial nunca mencionou que Paulo VI lera um texto do Segredo em 1963, embora essa leitura fosse um acontecimento histórico importante.
- Não teria havido razão para a versão oficial não mencionar este acontecimento histórico importante, *a não ser que* o texto que o

---

<sup>300</sup> Mensagem, p. 4.

<sup>301</sup> O original italiano e a tradução da “nota confidencial” carimbada do Arcebispo Capovilla, com a data de 17 de Maio de 1967, em que registou as circunstâncias precisas da leitura do Terceiro Segredo pelo Papa Paulo VI em 1963, estão reproduzidos no [Apêndice I](#).

Papa Paulo VI leu e colocou de novo no “envelope Capovilla” em 1963 estivesse (e está) a ser escondido.

- Se Paulo VI leu em 1965 o mesmo texto que leu em 1963, a versão oficial da leitura de 1965 devia mencionar isto – a não ser que, novamente, houvesse alguma coisa a ocultar.
- Como Bertone revelou agora através de Capovilla, Paulo VI tornou a fechar o envelope contendo o texto que leu em 1963, dizendo que iria “fazer o mesmo” que o Papa João fez, ou seja, deixar o texto para que outros se pronunciassem sobre ele. Mas então, porque é que Paulo VI iria abrir outra vez em 1965 o envelope que tinha fechado em 1963, para ler de novo o *mesmo* texto? Não iria.
- Se Paulo VI decidisse reabrir em 1965 o envelope que tinha voltado a fechar em 1963, para ler novamente o texto, como se explica que nem os seus diários, nem os registos dos seus funcionários, nem qualquer documento do Vaticano indiquem que o Papa decidira reler o mesmo texto que tinha anteriormente decidido deixar que outros se pronunciassem sobre ele?

Mas mesmo que a manobra esburacada de Bertone se aguentasse, ainda não explicaria a leitura por João Paulo II de um texto do Segredo em 1978 – três anos antes da data indicada na versão oficial – e a leitura pelo Papa João XXIII de um texto do Segredo em 1960 – o ano a seguir à data indicada na versão oficial. Toda a evidência, incluindo a *própria* evidência de Bertone, mostra que três Papas diferentes leram textos do Terceiro Segredo em duas ocasiões diferentes durante os respectivos pontificados: João XXIII em Agosto de 1959 e 1960; Paulo VI em 1963 e 1965; João Paulo II em 1978 e 1981. Pelos vistos, esperam que acreditemos que os três Papas leram o mesmo texto duas vezes, mas, por uma incrível coincidência, os registos oficiais do Vaticano esqueceram-se de notar uma segunda leitura histórica do Terceiro Segredo por cada um dos Papas. Pelos vistos, esperam que acreditemos que, embora haja –

- *dois* envelopes diferentes do Terceiro Segredo com a mesma “ordem de 1960” escrita em cada um pela Irmã Lúcia,
- *duas* localizações diferentes de textos do Terceiro Segredo,
- *duas* traduções diferentes para italiano do Terceiro Segredo, nenhuma das quais foi divulgada ao público pelo Vaticano, e

- *duas* leituras diferentes do Terceiro Segredo e *dois* a nos diferentes por *três* Papas consecutivos,

- há apenas *um* texto do Terceiro Segredo de Fátima. Mas se ainda há alguém que acredite nisto, é porque não deu a este assunto a atenção que merece.

*Do princípio ao fim, e não há um desmentid*

A última pergunta e resposta na entrevista de De Carli a Capovilla não têm grande importância, mas Capovilla confirmou a tese "fatimista" de que, quando Paulo VI foi a Fátima em 1967, não quis falar com a Irmã Lúcia: "A Irmã Lúcia pediu uma conversa privada. Mas nem o Papa falava português, nem a Irmã Lúcia falava italiano. "Irmã Lúcia, diga tudo ao seu bispo; será como se o dissesse a mim." A ideia de que o Papa, que era acompanhado em todas as suas viagens ao estrangeiro por tradutores de primeira classe, não podia falar com Lúcia por causa da barreira linguística deve ter resultado tanto a dignidade de Lúcia como a nossa inteligência.

A entrevista terminou com estas palavras de Capovilla: "E hoje estou contente por ter lido o livro do Cardeal Bertone, que, na minha opinião, corresponde perfeitamente ao que a simplicidade desta Irmã tinha querido revelar através da sua vida e através de Maria. A Mãe disse: 'Fazei o que Jesus vos disser.' Hoje Ela dir-nos-ia: 'Fazei o que o Vigário de Jesus vos disser e estareis todos mais tranquilos e em paz.'" Mas o que é que o Vigário de Jesus nos disse sobre o Terceiro Segredo? Absolutamente nada.

Assim, o Arcebispo Capovilla terminou a entrevista sem negar uma só palavra do que dissera a Solideo Paolini, confirmando, ao mesmo tempo, que há um envelope contendo um texto do Terceiro Segredo que Bertone nunca mostrou. O Arcebispo deu uma série de respostas irrelevantes a uma série de perguntas irrelevantes, destinadas a andar à roda do ponto fulcral: o que Capovilla dissera a Paolini. O Arcebispo concluiu, dizendo-nos assaz misteriosamente que o livro de Bertone "corresponde" - outra vez esta palavra! - à "simplicidade" do que Lúcia queria revelar na sua vida e através de Maria. Ora é evidente que isto *não* é o mesmo que dizer que tudo o que Lúcia e a Santíssima Virgem quiseram revelar nos *textos* do Terceiro Segredo está já publicado. E recomendou que todos tomassem o "tranquilizante papal" - ouçam o Papa e farão todos calmos e em paz. Mas o Papa não disse nada sobre esta

controvérsia que nos obrigasse a aceitar as ideias de Bertone; pelo contrário, escreveu particularmente a S occi, agradecendo-lhe ter escrito o seu livro. Nem sequer o aparelho de Estado do Vaticano ousou lançar uma defesa oficial de Bertone contra as acusações que Soggi publicou perante o mundo – especialmente o depoimento de Capovilla a Paolini, que continuava completamente intacto no fim do “*Show do Cardeal Bertone*”.

*Não explodiu, mas chiou*

O último a falar no “*Show do Cardeal Bertone*” foi o próprio Bertone. A qui e stava a o oportunidade para o Cardeal responder às muitas dúvidas levantadas por Soggi e por Católicos de todo o mundo sobre a sua versão dos acontecimentos. Mas, tal como fizera nos sete anos anteriores, Bertone continuou a evitar todos os problemas. Depois de um breve discurso sobre a a bordagem da Igreja às aparições marianas, disse apenas isto: “Não voltarei ao famoso Terceiro Segredo, à verdade do Terceiro Segredo. Certamente, se houvesse mais algum elemento, de comentário, de integração, teria aparecido nas suas cartas [de Lúcia], nos seus milhares de cartas – o que não acontece.”

Parece que, enquanto escapa aos problemas, o Cardeal só consegue levantar ainda mais dúvidas sobre a sua versão. Porque é que o Cardeal disse que, se faltasse uma parte do Terceiro Segredo, teria aparecido na correspondência da Irmã Lúcia com várias pessoas em todo o mundo, e em vez de estar num texto que ela escreveu especificamente por indicação da Santíssima Virgem? Porque é que Lúcia iria revelar um elemento do Terceiro Segredo na sua *correspondência* pessoal, quando, como sabemos, o Segredo foi transmitido em dois envelopes que diziam que “só pode ser aberto em 1960 por Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa ou por Sua Ex.<sup>cia</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo de Leiria”? Quererá o Cardeal desviar-nos a a tenção dos dois envelopes, ou do “envelope Capovilla” com o texto ditado por João XXIII, que nunca mostrou? E com que base pode ele dizer que não há nada sobre o Segredo nos milhares de cartas de Lúcia? Leu-as e estudou-as a todas?

Embora tivesse reparado este espectáculo televisivo para defender a sua posição, o Cardeal Bertone não teve nada mais a dizer sobre a controvérsia que lhe evou a repará-lo. Parece que o Cardeal acreditou que só o espectáculo do evento criaria a impressão de que ele ganhara, e embora a substância do que

acabara de apresentar apenas confirme que ele não pode estar a dizer toda a verdade.

*Ainda mais problemas para Bertone*

Se isso fosse possível, o “*Show do Cardeal Bertone*” foi um desastre ainda maior para ele do que *A Última Vidente* e a entrevista no *Porta a Porta*. Porque a própria testemunha do Cardeal – a testemunha que ele quis tomar para si para amortecer o impacto do seu depoimento – completou a destruição da versão oficial. Apesar da tentativa elaborada de Bertone para sugerir o contrário, Capovilla não só não desmentiu uma única palavra do seu depoimento a Paolini, mas também confirmou factos importantes que demonstram que há um texto, uma tradução e um envelope relacionados com o Terceiro Segredo que o Vaticano não mostrou nem sequer mencionou nos últimos sete anos.

Mas isto não constituiu o fim dos problemas do Cardeal Bertone naquele fim de tarde. Antes de os guardas terem posto Soggi na rua, ele conseguiu que os jornalistas presentes ouvissem uma gravação em áudio das declarações de Capovilla a Paolini durante o seu encontro de 21 de Junho de 2007, a que já nos referimos. Segundo a notícia no grande diário italiano *Il Giornale*, ouvia-se na gravação Capovilla dizer: “Além das quatro páginas [da visão do Bispo vestido de branco], havia mais alguma coisa, um a penso, sim.” Concluiu o jornalista de *Il Giornale* que o depoimento de Capovilla “confirmaria a tese da existência de uma segunda folha com a interpretação do Segredo. O mistério, e acima de tudo a polémica, irá continuar.”<sup>302</sup>

O mistério e a polémica vão certamente continuar. Mas entretanto, não só a Igreja como todo o mundo caminham inexoravelmente para as consequências finais certamente previstas no texto oculto do Terceiro Segredo, que também nos dará os meios para as evitar.

---

<sup>302</sup> “O Quarto Segredo de Fátima não existe,” *Il Giornale*, 22 de Setembro de 2007.